

**IRONIA EM PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA: UMA ANÁLISE DA  
CRÔNICA *EM SINAL DE PROTESTO PELA FALTA DE LIBERDADE DE UM  
MUNDO LIVRE*, DE MILLÔR FERNANDES**

**IRONY IN A SOCIOCOGNITIVE PERSPECTIVE: AN ANALYSIS OF THE  
CHRONICLE *EM SINAL DE PROTESTO PELA FALTA DE LIBERDADE DE UM  
MUNDO LIVRE*, BY MILLÔR FERNANDES**

**DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19593**

**Eliane das Dores Martins da Cruz<sup>1</sup>  
Leosmar Aparecido da Silva<sup>2</sup>  
Warlete Cristina de Oliveira<sup>3</sup>**

**Resumo:** O objetivo desse artigo é analisar a ironia na crônica *Em sinal de protesto pela falta de liberdade de um mundo livre*, de Millôr Fernandes, tomando como base a Linguística Cognitiva. Metodologicamente, a pesquisa é bibliográfica com abordagem qualitativa. Os resultados mostram que a manifestação da ironia na crônica tem uma função crítica na defesa de um ponto de vista. Para a construção dessa crítica, são usados recursos como o humor, o exagero, a criação de cenários inusitados, que normalmente são dissociados das expectativas e padrões estabelecidos como recorrentes no mundo sociofísico.

**Palavras-chave:** Linguística Cognitiva; Ironia; Crônica.

**Abstract:** The objective of this paper is to analyze the irony in the chronicle "Em sinal de protesto pela falta de liberdade de um mundo livre", by Millôr Fernandes, based on Cognitive Linguistics. Methodologically, the research is bibliographical with a qualitative approach. The results show that the manifestation of irony in the chronicle serves a critical function in defending a point of view. Resources such as humor, exaggeration, and the creation of unusual scenarios are used to construct this critique. This resources are typically dissociated from expectations and patterns established as recurring in the socio-physical world.

**Keywords:** Cognitive Linguistics; Irony; Chronicle.

### **Considerações iniciais**

Como já se sabe, a Linguística Cognitiva é uma perspectiva empirista que se alinha a estudos psicológicos e filosóficos que enfatizam a experiência humana e a centralidade do corpo

---

<sup>1</sup> Mestre em linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora da Faculdade Sensu e Unifanap. E-mail: profelianemartins@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3319-3283>.

<sup>2</sup> Doutor em linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG. e-mail: silva515@ufg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3954-3518>.

<sup>3</sup> Doutoranda em linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG. Professora da Universidade Estadual de Goiás e da Prefeitura de Jussara-GO. E-mail: warletecristina@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9931-4840>.

humano nessa experiência. Nessa perspectiva, a investigação da mente humana não é separada do corpo, de modo que a cognição é concebida a partir de uma ancoragem corporal, tal como afirmam Johnson (1987), Gibbs (2007), Ferrari (2011). É na interação entre sujeitos, permeada pelo corpo e pela linguagem, que se estabelece a comunicação humana, por meio da qual significados emergem e se entrelaçam. Conforme Ferrari (2011, p. 15), “a LC concebe o significado como construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais”.

A ironia, aqui entendida como mecanismo cognitivo, que confronta um significado literal e um significado alvo, está atada ao corpo humano. Sua produção e interpretação é construída na interação entre sujeitos. Gibbs (2007) afirma que a ironia requer habilidade cognitiva sofisticada para perceber os propósitos comunicativos implícitos. Ao fazer uso da ironia, o enunciador, em geral, expressa um significado que contradiz o conteúdo literal do enunciado. O interlocutor, por sua vez, aplicando mecanismos cognitivos como a inferência, consegue interpretar a contradição de forma adequada. Para Hutcheon (2000), a ironia é um recurso linguístico complexo, que se insinua em qualquer evento ou ato conversacional, estabelecendo uma relação intrincada entre o que é dito explicitamente e o que permanece implícito, criando assim camadas de significado que demandam uma análise cuidadosa e aprofundada.

Em vista disso, a proposta desta pesquisa é, então, estudar a ironia como um mecanismo relevante para a produção do significado linguístico, via cognição. Utiliza-se, para tanto, como material empírico de análise, a crônica *Em sinal de protesto pela falta de liberdade de um mundo livre*, de Millôr Fernandes, como uma amostra de uma pesquisa maior empreendida desde 2022. Millôr Fernandes foi escolhido porque possui grande destaque como crítico em crônicas contemporâneas, além de escrever de forma instigante e crítica sobre os problemas que observa no cotidiano, contribuindo significativamente para o entendimento e a apreciação desse gênero. A crônica foi escolhida porque é um gênero que se aproxima das vivências humanas cotidianas. A relevância desta pesquisa reside em sua capacidade de explorar uma temática relativamente nova na Linguística Cognitiva, que não seja necessariamente a metáfora e a metonímia.

Este artigo está organizado em três seções. Na primeira seção, realizamos um estudo teórico sobre a ironia na Linguística Cognitiva. Na segunda seção, tratamos dos procedimentos metodológicos da pesquisa. Na terceira seção, analisamos a presença da ironia na crônica de Millôr sob a óptica da Linguística Cognitiva.

## 1 Ironia: fundamentos teóricos

O conceito de ironia, formulado desde a Antiguidade Clássica (Aristóteles em sua *Retórica* e Platão em *A República*), é, até os dias de hoje, objeto de investigação. Do grego *eironeia*, significa *dissimulação* ou *fingimento*. Segundo Seixas (2006), *eirôn* designa aquele que interroga, que coloca questões. A ironia, portanto, significa *pergunta de quem sabe a resposta*. A definição mais popularizada de ironia é a que diz que ela está ligada à ideia de se dizer o contrário daquilo que é realmente o propósito comunicativo.

Na Antiguidade Clássica, Platão reconhece a ironia socrática. A ironia socrática consistia em perguntar sobre um tema em discussão, de delimitar um conceito e, uma vez que o interlocutor se contradizia, o filósofo refutava o conceito. Sócrates, por meio da ironia, questionava a inversão semântica presente nos discursos persuasivos, expondo a superficialidade dos argumentos e a falta de busca pela verdade. O método conhecido como *Ironia Socrática* consistia em usar perguntas aparentemente ingênuas para mostrar a falta de conhecimento dos interlocutores.

Para além da filosofia, a ironia é também bastante estudada nos estudos literários. Bakhtin (2008), em sua obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, aborda a ironia como uma das principais características da cultura popular da época. Na Idade Média e no Renascimento, a ironia era usada para criticar a Igreja, a nobreza e a elite dominante da sociedade. Por meio da inversão de significados, a ironia permitia que o povo se expressasse de forma indireta e criativa, subvertendo as normas e valores impostos pela hierarquia social. A ironia também era usada para ridicularizar os comportamentos e ações consideradas hipócritas e contraditórias dos poderosos, revelando a sua verdadeira natureza.

Nos estudos linguísticos, em especial na Linguística Cognitiva, obras como *Irony in language and thought*, organizada por Gibbs e Colston (2007), abordam a ironia como mecanismo cognitivo que se manifesta na linguagem e no pensamento e que possui esquemas conceituais subjacentes. É um fenômeno que emerge do uso linguístico e é atualizado na

cognição. Assim, a ironia está relacionada à habilidade humana de **processar informações complexas, fazer inferências** compatíveis com as situações comunicativas, **reconhecer padrões reiterados na experiência humana**. Atuam, por exemplo, na produção e na interpretação da ironia, esquemas imagéticos<sup>4</sup> de contraste, de inversão, de quebra de expectativas.

Gibbs (1994) considera que, assim como a metáfora e a metonímia, também a ironia é um processo mental básico, visto que se integra às relações de interação no ato comunicativo e, nesse sentido, está incorporada a alguns contextos interativos. As pessoas falam e agem ironicamente, porque visualizam muitas de suas experiências em termos irônicos, porque perceberam neles um aspecto discordante. Para compreender a ironia, o receptor deve estar consciente de que o emissor usa, conscientemente ou não, uma enunciação para apresentar um confronto de incompatibilidades.

Como evidência de que a ironia é um modo de pensarmos sobre nossas experiências, o autor também chama a atenção para atos não linguísticos irônicos, como o aplauso irônico (lento, compassado), certos modos de vestir-se como protesto, e ainda o uso de fantasias e imagens em manifestações populares, como crítica irônica aos problemas sociais.

Quando um usuário da língua diz: “Obrigado, você foi muito educado” para um balconista mal-humorado, segundo Gibbs (1994), o falante ‘ecoa’ a norma social de polidez para mostrar que seu interlocutor foi rude. A remissão a uma norma social, a crenças ou a uma situação anterior é chamada nos estudos cognitivos sobre ironia de *lembrete ecóico* (Colston, 2007). No exemplo dado, por meio do *lembrete ecóico* da norma social da polidez, o falante se refere a um estado de coisas esperado ou desejado que não se concretizou.

Daniela Sorea (2012) discute a distinção fundamental no campo da ironia entre a **ironia verbal**, definida por Gibbs (1994) como a estratégia de usar a incongruência entre realidade e expectativa, e a **ironia situacional**, que se refere a um estado do mundo percebido como irônico. Gibbs (1994, p. 104) destaca que, “enquanto na ironia verbal o falante cria intencionalmente uma justaposição de ações ou palavras incompatíveis, na ironia situacional

---

<sup>4</sup> Esquemas imagéticos são, conforme Bergen e Chang (2003), estruturas cognitivas sobre experiências motoras e sensoriais recorrentes. Por um lado, é concreto/sensível. Por outro, é abstrato e intelectual. Um exemplo é o esquema de CAMINHO. Em nossas experiências cotidianas, sempre nos deslocamos de um ponto A para um ponto B, construindo um percurso. A mente humana abstrai essa experiência a tal ponto de utilizar o padrão de CAMINHO para outros domínios, como o do texto ou o da pesquisa. Costumamos dizer *Partimos da premissa. Chegamos à conclusão*. Os verbos *partir* e *chegar* nesses enunciados integram o esquema de CAMINHO.

são revelados eventos percebidos como irônicos independentemente da intenção do enunciador” (p. 104). Na ironia situacional, portanto, não há intenções humanas deliberadas. Ele também ressalta que tanto a ironia verbal quanto a situacional, embora em sua maior parte diferentes, estão relacionadas na medida em que refletem as conceptualizações dos usuários da língua. Segundo o autor, podemos conceptualizar eventos, experiências e nós mesmos como irônicos e nossa linguagem muitas vezes reflete esse modo figurativo de pensar (Gibbs 1994).

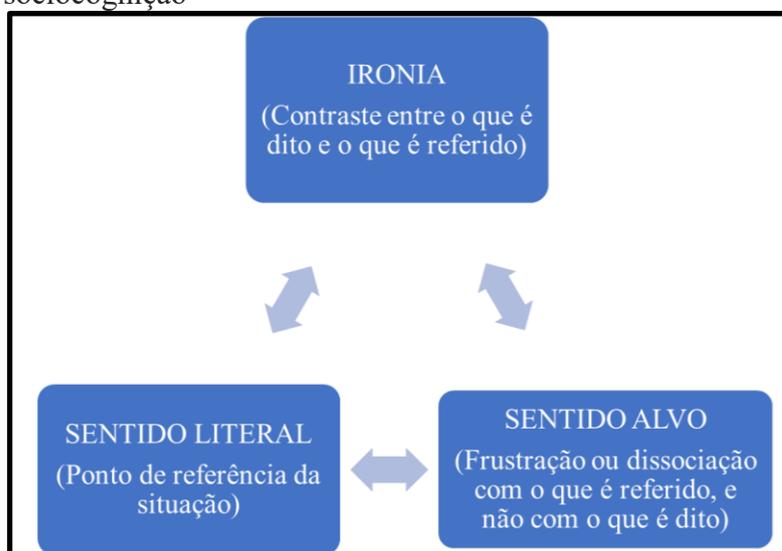
A ironia verbal mostra a técnica de usar a incongruência para sugerir uma distinção entre fatos e expectativas (dizer uma coisa e significar outra) com o público ciente de ambos. Ter consciência da discrepância construída que envolve expectativa e realidade revela que a ironia não é uma questão só de linguagem, mas de pensamento, um elemento padrão fundamental para o funcionamento da mente humana (Gibbs, 1994). Se, por exemplo, em uma reunião, uma pessoa interrompe a outra, a pessoa que é interrompida diz: “como você é educado”, temos um caso de ironia verbal.

Sorea (2012, p. 205) destaca que assim como nenhuma filosofia verdadeira é possível sem dúvida, “nenhuma vida humana autêntica é possível sem ironia”. Há clássicos exemplos de ironia situacional, segundo Sorea (2012), que atestam a presença desse modo de pensamento. Ela cita casos como o homem que inventou a guilhotina sendo decapitado por ela, o homem que construiu a Bastilha sendo preso nela e o bispo que inventou o ferro jaula sendo o primeiro a ficar confinado nela. Todos esses acontecimentos estranhos podem ser vistos como reviravoltas inesperadas e anômalas do destino. Para expressar essa imprevisibilidade, podemos empregar marcadores semânticos claros e dizer “Ironicamente” ou “A ironia do destino é que o homem que inventou a guilhotina foi decapitado por ela” (*op. cit.* p. 205).

Na produção da ironia verbal, na perspectiva cognitiva de base sociocultural, existe um contexto de base, no qual há a construção de um **sentido literal** e um contexto projetado a que chamamos de **sentido alvo**. É no sentido alvo, que se ancora no contexto de base, que a ironia se revela em sua integralidade. Para melhor compreensão do leitor, apresentamos um exemplo: *Maria participa da festa de Susana e diz: “A festa foi maravilhosa”*. Nessa situação, se a afirmação é entendida como uma festa realmente maravilhosa, temos o sentido literal. Se a afirmação é entendida como uma dissociação daquilo que Maria realmente pensa, significando, *a festa foi péssima*, têm-se aí o sentido alvo/irônico que está ancorado no sentido de base. A ironia nessa perspectiva conta com elementos extralinguísticos e corporais tais como:

entonação, olhar, expressão da face, o conhecimento partilhado entre enunciador e enunciatário sobre como foi realmente a festa. Para Ferrari (2011), o significado de uma palavra está sempre ligado ao seu contexto pragmático. O significado convencional, na verdade, é uma afirmação desse significado prototípico, que pode ser interpretado de várias maneiras conforme a situação em que é usado. O que predomina na interpretação irônica não é somente a escolha lexical ou a construção sintática, mas os elementos extralinguísticos [pragmáticos] aplicados ao contexto.

Figura 1 – A compreensão da ironia na perspectiva da sociocognição



Fonte: Elaboração própria

Em termos de processamento e interpretação do enunciado irônico pelo ouvinte/leitor, Gibbs (2007) acredita que, ao contrário do *modelo pragmático standard* de Grice (1975), o interlocutor não acessa primeiro o sentido literal para só depois acessar o sentido alvo. Gibbs (2007) chegou a esta conclusão depois de realizar seis experimentos que examinaram a compreensão e a memória de afirmações irônicas em conversas. Para o autor, as pessoas não precisam processar primeiro os significados literais de expressões irônicas, como “Você é um ótimo amigo” (significando “Você é um péssimo amigo”), antes de chegar às interpretações não literais e sarcásticas. Desses estudos, chegou-se ao modelo de *acesso direto*, segundo o qual as pessoas utilizam a informação pragmática fornecida pelos contextos narrativos **desde os estágios iniciais** do processamento para compreender o que o falante quer dizer ao usar a

ironia. Para o autor, os ouvintes/leitores podem entender a interpretação figurativa de metáforas, ironias/sarcasmos, expressões idiomáticas, provérbios e atos de fala indiretos sem ter primeiro que analisar e rejeitar os sentidos literais quando essas expressões são usadas em situações reais. Segundo o autor, ao interpretarem construções figurativas, as pessoas não processam automaticamente o contexto completo nem o sentido literal de todo o enunciado. Em vez disso, elas se concentram em certos aspectos compartilhados pelo conjunto de palavras, que orientam a construção do sentido (Gibbs, 2007).

Giora (2007) também propõe uma abordagem cognitiva para examinar como a linguagem literal e a figurativa são processadas e compreendidas. A pesquisadora realizou um experimento com 48 alunos de graduação da Universidade de Tel Aviv com idades entre 22 e 30 anos, falantes nativos de hebraico. Eles foram expostos a 32 ironias classificadas como familiares e menos familiares. Eles foram solicitados a escreverem os significados das sentenças por meio da seleção de um item lexical, submetidos a um tempo de 150 milissegundos e 1000 milissegundos. A expressão *muito engraçado*, por exemplo, foi aplicada a dois contextos diferentes e os participantes da pesquisa precisavam selecionar a palavra teste *irritante* ou *divertido*. Segue a reprodução do contexto:

**CONTEXTO 1:** Iris estava andando sozinha no beco escuro, quando de repente uma mão pousou em suas costas. Assustada, ela se virou para descobrir que a mão era de seu irmão mais novo, que se esgueirou atrás dela para assustá-la. Ela disse a ele: “**Muito engraçado**”.

**CONTEXTO 2:** Tal e Ortal, os gêmeos, queriam ir ao cinema. A mãe deles recomendou um filme que ela tinha visto pouco antes. Quando eles voltaram para casa, ela estava ansiosa para saber como eles encontraram o filme. Ambos concordaram: “**Muito engraçado**”. (Giora, 2007, p.215 - *grifo nosso*).

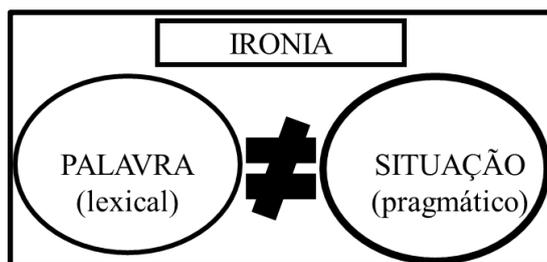
A pesquisadora conclui que o processo de compreensão de uma expressão figurativa, como uma metáfora e a ironia, não é binário [literal x não literal], mas gradual. Para a autora, sentidos alvo menos familiares para o interlocutor, inseridos em contextos enviesados para a produção da ironia, facilitam apenas a saliência do significado literal. Ao contrário, quando os falantes são expostos a ironias familiares, há saliência tanto do significado literal quanto do significado irônico logo no início do processamento.

A partir desta pesquisa e de outras, Giora (2007) propõe o *modelo de saliência gradual*. Nesse modelo, a compreensão de uma metáfora ou de uma ironia pode variar em graus

dependendo de quão “saliente” é para o contexto em que é utilizada. Consideremos o exemplo *Ele está no topo de sua carreira*. Essa metáfora é relevante em uma situação em que alguém acaba de receber uma promoção significativa no trabalho, pois faz uma conexão clara com a situação específica. Mas quando não há evidência de sucesso ou realização notável no campo profissional, a mesma metáfora pode ter significação irônica, a depender de outros elementos contextuais envolvidos. Nesse modelo, a compreensão da ironia envolve a análise gradual e saliente de diferentes aspectos do discurso irônico. Certos significados se mostram mais salientes e graduais na compreensão da ironia verbal. O modelo proposto pela autora enfatiza a importância da inferência na comunicação, que é um processo cognitivo ativo em que os interlocutores deduzem, a partir das pistas contextuais, o significado implícito de uma expressão. Ela argumenta que a implicatura conversacional não é derivada de uma regra gramatical ou convencional, mas é inferida pelos interlocutores a partir do contexto.

O modelo de Giora (2007) destaca a importância das expectativas dos interlocutores na construção do significado e sugere que a implicatura conversacional é influenciada por fatores como a relevância do conteúdo, a saliência do contexto e a disposição cognitiva dos interlocutores. De acordo com Giora, a implicatura conversacional é gerada quando o conteúdo não é saliente no contexto, mas é relevante para a compreensão da mensagem. Em relação ao uso da palavra “gradual”, ela pode indicar que a saliência foi aumentando ou se desenvolvendo gradualmente ao longo do tempo. Para Giora (2007), a ironia é produzida quando há incompatibilidade entre aquilo que é dito (a palavra em sua manifestação lexical) e a situação em que o que se diz é dito (o contexto, que comporta o nível pragmático de análise), como se observa a seguir:

**Figura 2** – Relação palavra e situação na produção da ironia



Fonte: elaboração própria, com base em Giora (2007)

Para Giora (2007), a ironia, como capacidade cognitiva, envolve, dentre outros, elementos verbais e contextuais. Para processar na mente a compreensão de uma ironia, é preciso estar atento: 1) ao contexto em que a situação ocorre; 2) ao conteúdo cultural de produção da ironia; 3) à polissemia dos enunciados verbais; 4) à ausência de compatibilidade semântica entre os fatos e as palavras/gestos; 5) à plausibilidade de inferências realizadas no processo interpretativo.

Burgers (2010, p. 42) parece concordar com a perspectiva de Giora (2007), já que ele considera a incongruência entre o enunciado e a avaliação literal. Acrescenta, porém, a necessidade de tratar do co-texto. Vejamos:

a atribuição de ironia verbal a um texto é algo implícito. Para ver se um enunciado é irônico, é importante tornar explícita a avaliação literal para ver se ela é incongruente com o co-texto. Se este não for o caso, é provável que o autor do texto realmente pretenda fazer esta avaliação literal. Isso implica que o enunciado em questão não é irônico. Em contraste, avaliações literais que são incongruentes com o co-texto e com o contexto são uma indicação de que um enunciado pode ser irônico.<sup>5</sup>

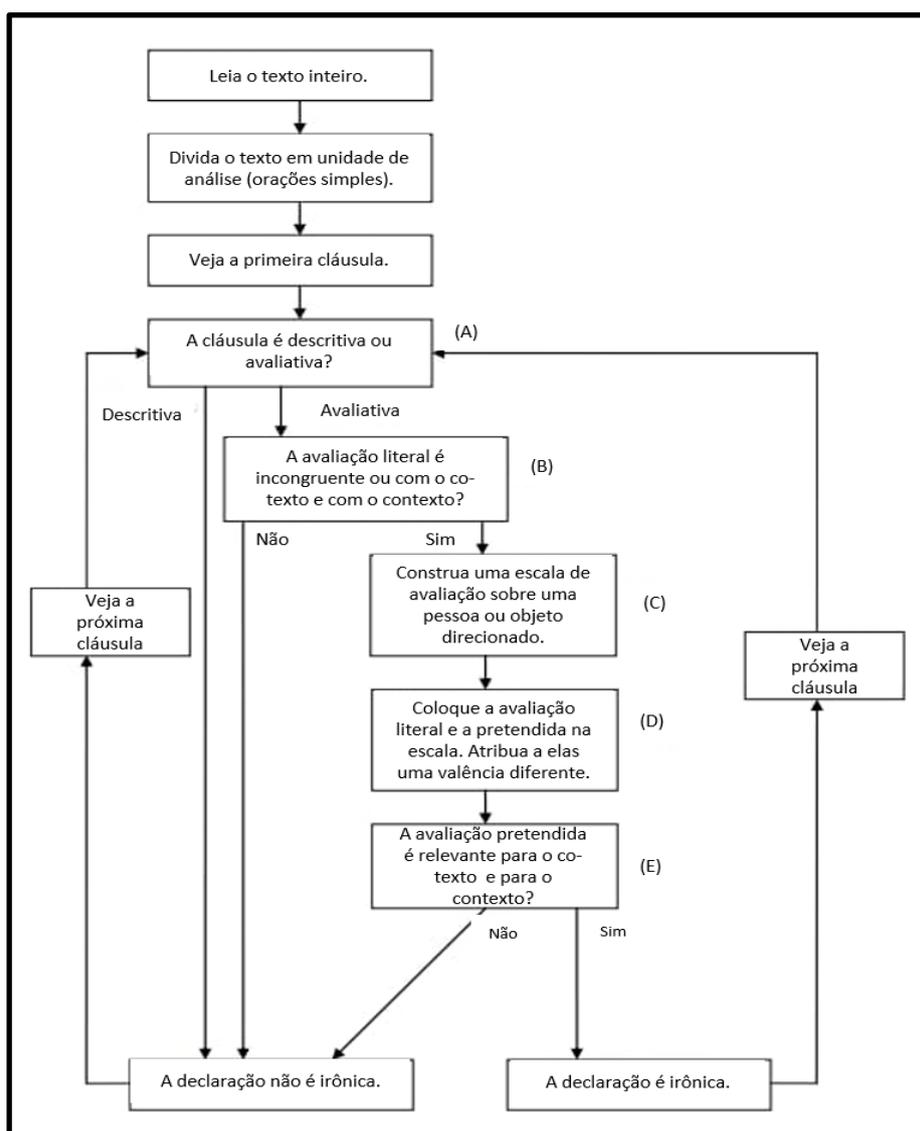
A citação destaca a importância de examinar cuidadosamente a avaliação literal, o co-texto e o contexto para interpretar se um enunciado é irônico. A divergência entre a avaliação literal e o ambiente textual pode indicar a presença de ironia verbal.

Burgers (2010) propõe um modelo sistemático denominado *Verbal Irony Procedure (VIP)* para identificar e analisar a ironia verbal em diferentes tipos de texto. O objetivo é superar as dificuldades subjetivas e inconsistências na identificação de ironia, fornecendo uma abordagem mais objetiva. A seguir, reproduzimos, em português, o fluxograma de Burgers (2010, p. 43), em que ele apresenta um roteiro para a identificação do significado irônico:

---

<sup>5</sup> Original inglês: *The attribution of verbal irony to a text is something that is implicit. In order to see if a utterance is ironic, it is important to make the literal evaluation explicit to see if it is incongruent with the co-text. If this is not the case, it is likely that the author of the text really means this literal evaluation. This implies that the utterance in question is not ironic. In contrast, literal evaluations that are incongruent with the co-text and context are an indication that an utterance may be ironic.*

**Figura 3** – Fluxograma para identificação de enunciado irônico



Fonte: Burgers (2010, p. 43), adaptado para o português.

Pelo esquema, os elementos fundamentais para o reconhecimento da ironia são a existência de: 1) uma avaliação no enunciado; 2) uma incongruência da avaliação com o co-texto e o com o contexto; 3) uma escala na avaliação; 4) relevância da avaliação pretendida para

o co-texto e para o contexto. Se esses quatro elementos são marcados positivamente, a ironia pode ser atestada no enunciado.

Além das considerações feitas até o momento, é relevante ainda dizer que a ironia pode co-ocorrer com o exagero ou com o que comumente entendemos por hipérbole. Sorea (2012, p. 234) considera que a ironia frequentemente utiliza a hipérbole para destacar a incompatibilidade entre uma afirmação e sua credibilidade. A hipérbole, caracterizada por exageros intencionais, amplifica as dimensões avaliativas ou afetivas nas interações linguísticas do cotidiano, como trocas humorísticas ou irônicas. A hipérbole abrange a intensificação exagerada (*auxesis*) e a atenuação exagerada (*meiose*). Sorea (2012), baseada em outros pesquisadores, destaca que expressões hiperbólicas podem ampliar ou menosprezar entidades, eventos ou situações. Similarmente, Gibbs (1994) vê a hipérbole como uma forma de ironia, ao lado da jocosidade e das provocações, do sarcasmo, do eufemismo e das perguntas retóricas. Para o autor (1994, p. 13), o que todas as formas de ironia partilham é “a ideia de um orador proporcionando algum contraste entre a expectativa e a realidade”. Associar a hipérbole à ironia ou operar sobreposição ou entrelaçamento entre as duas é comum, uma vez que a hipérbole parece ser recorrente em conversas carregadas de ironia.

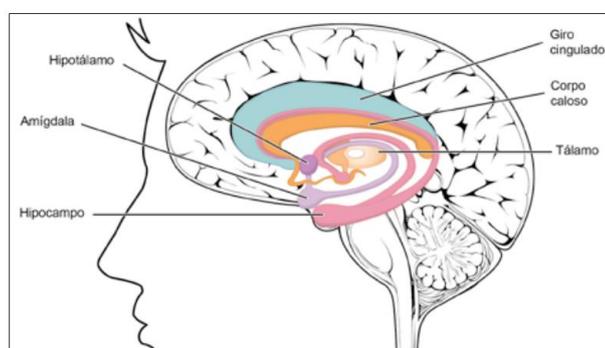
A ironia, ao empregar o exagero e o humor, desempenha um papel fundamental nas interações sociais. A resposta emocional às expressões irônicas pode contribuir para a construção de laços sociais, uma vez que o compartilhamento de experiências humorísticas fortalece o processo interativo, mediado pela língua. Essas interações sociais, moduladas pelo sistema límbico, adicionam uma camada adicional à compreensão de como a ironia influencia nossas emoções e relações interpessoais.

Segundo Kerckhove (2015, p. 56):

o sistema límbico controla as emoções no corpo humano (como faz em todos os mamíferos). É um conjunto complexo de pequenas estruturas cerebrais que se situam na parte interna do cérebro, presentes nos dois hemisférios. Essa região do cérebro está intimamente conectada ao córtex cerebral, ou massa cinzenta, regulando os ritmos biológicos vitais, incluindo as reações emocionais, tais como o medo e a agressividade.

A figura 4, a seguir, mostra as partes do cérebro que constituem o sistema límbico.

**Figura 4** – Representação gráfica do sistema límbico no cérebro



**Fonte:** Kerckhove (2015, p. 57).

Os efeitos do humor estão relacionados ao sistema límbico, porque o entendimento eficaz desse fenômeno provoca uma resposta emocional. Também a ironia, associada ao humor, estimula regiões do sistema límbico responsáveis pela percepção de desacordos entre expectativa e realidade. Assim, notamos que a associação entre a ironia e o humor faz com que o leitor seja seduzido pela leitura e, talvez por isso, são recursos bastante utilizados pelos cronistas.

Feitas essas considerações, passamos, na próxima seção, à descrição dos procedimentos metodológicos da pesquisa.

## **2 Procedimentos metodológicos**

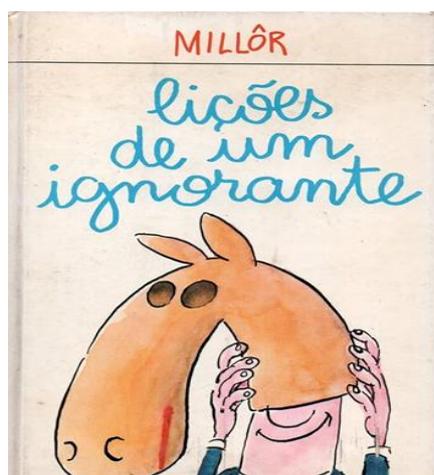
Esta pesquisa se caracteriza por ser uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, já que faz “um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema” (Marconi; Lakatos, 2003, p. 158). A pesquisa bibliográfica ocorre tanto no que se refere ao objeto teórico quanto ao objeto empírico. Em termos de objeto teórico, procuramos descrever e explicar o tratamento que os estudiosos têm dado à ironia, como recurso linguístico e

cognitivo. Em termos de objeto empírico, selecionamos e analisamos uma crônica do autor brasileiro contemporâneo Millôr Fernandes, *Em sinal de protesto pela falta de liberdade de um mundo livre*, que se destaca, dentre outras habilidades, pela ironia produzida.

Esta pesquisa está dividida em basicamente três etapas. Na **primeira etapa**, natural de todo processo investigativo, foi realizado o estudo teórico da literatura em linguística cognitiva sobre a ironia. A **segunda etapa** consistiu na seleção do gênero, do autor e do texto representativo do gênero. O gênero crônico foi escolhido, porque a crônica é um texto que possui relevância histórica (nasceu entre os séculos XIV e XV) e constitui um gênero que possui linguagem cotidiana, se baseia em fatos cotidianos, em alguns casos, acomoda-se entre o literário e o não literário. Como Millôr Fernandes é um cronista irônico, legitimado e respeitado pela crítica, selecionamos o texto *Em sinal de protesto pela falta de liberdade de um mundo livre* para realizar a análise. A **terceira etapa** consistiu na análise da crônica. Dentre os critérios de análise da crônica, destacam-se: 1) significados globais do texto; 2) interpretação de enunciados irônicos; 3) relação dos dados encontrados com os estudos teóricos empreendidos; 4) inferências produzidas para interpretar o enunciado irônico; 5) relação do enunciado irônico com outros recursos linguísticos.

Apresentamos, a seguir, a crônica *Em sinal de protesto pela falta de liberdade de um mundo livre*, de Millôr Fernandes, em sua integridade, para que o leitor possa apreciá-la antes da análise. O texto foi publicado no livro *Lições de um ignorante*. O próprio título é irônico, uma vez que a palavra *lições* relaciona-se com conhecimento sistematizado oferecido por quem domina ou tem conhecimento. Logo, em seguida, porém, usou-se a palavra *ignorante*, que estabelece discrepância com *lições*. Há, portanto, dissociação proposital entre os elementos lexicais selecionados como forma de o enunciador revelar humildade, e não soberba. Observemos:

**Figura 5** – Capa do livro *Lições de um ignorante*, de Millôr Fernandes



Fonte: livro *Lições de um ignorante*,  
Millôr Fernandes, 1983.

Agora, segue o texto na íntegra:

### **Em sinal de protesto pela falta de liberdade de um mundo livre**

Pedem-me que ajude a manter a liberdade e no entanto a minha quem ma respeita? Quero viver calmamente, sem luxo nem variedades, amando o próximo como a mim mesmo, e me deixam? Não me deixam. Proíbem-me de pisar na grama, de parar o carro onde bem entendo, de andar vestido como melhor me sabe, de trabalhar na hora em que bem quiser, de amar a quem prefiro, de sair do país quando me der na telha. Resolva eu fazer qualquer dessas coisas na hora em que elas me ocorram e do modo que melhor condiga com minha personalidade e gosto, e serei suspeitado, impedido, parado, examinado, revistado, admoestado, desrespeitado, multado, deitado, preso, julgado, condenado, morto. Entre as muitas liberdades de que me falam eu não tenho a de gastar água sem pagar pena d'água nem a de morrer sem pagar imposto predial. Além desses obrigam-me ainda a pagar imposto de consumo, de resumo, de análise e de determinação. Cobram-me mais: taxa de saneamento, taxa de diversões, luz, gás, telefone, descontam-me para o fundo sindical, tiram-me dinheiro para colar uma placa no meu carro (coisa que é injusta e inumana, pois essa placa só é colocada no meu carro pra funcionar contra mim em qualquer acidente em que me meta ou inflação que cometa) e cobram-me impostos para a Petrobrás a fim de explorar um petróleo que depois será pago por mim cada dia mais caro do que no anterior. Para me abordarem, jungirem, confinarem, tungarem e emparedarem, foram investidas leis federais, estaduais, municipais, locais, rurais, pessoais e intestinas, com as quais me arrancam dinheiro o presidente de Minha república, o governador de Meu Estado, o prefeito de Minha cidade, o delegado do Meu distrito, o guarda da Minha rua, o vaga-lume do Meu cinema, o síndico de Meu edificio, o lavador do Meu carro, o ascensorista de Meu elevador e, mais que tudo, sobretudo, acima de tudo, a Minha mulher. Se guio, exigem-me uma habilitação de motorista. Se pesco, surge do fundo dos mares um guarda, pedindo-lhe a licença para pescar. Se caço, os animais protestam, pois não tenho autorização para fazê-lo. E se vou à praia tenho que mostrar minha carteira de praísta profissional, além de ter que cuidar para não atentar contra o pudor ou contra os postulados da Liga Eleitoral Católica. E se morro não me enterram sem atestados de óbito, Tudo pago.

Livre, mas respeitoso, registrei meu rádio, minha bicicleta, vacinei meu filho, licencie meu cachorro, identifiquei suas pulgas, numerei seus pêlos, constatarei seu pedigree. Livre, mas generoso, contribuo para a Liga Brasileira de Assistência, Cruz Vermelha, Hospital dos Radionomistas, Fundo dos Acidentados, Seguros Marítimos e Terrestres, Operárias de Jesus, Trabalhadores do Brasil, Serventes de Nossa Senhora, Hegemonia de Tebas, Serviços Nacional de Controle da Natalidade, Fundo Sindical da Mãe Solteira, Departamento Nacional do Desempregado por Convicção e Serviço Federal das Desajustadinhas Trêfegas. Livre, mas prudente, tenho seguro de vida, contra roubo, furtos, desastres, choques cardíacos e emocionais, seguros contra desemprego, excessos alcoólicos, chantagens femininas, agressões masculinas, seguros contra fogo, água, velhice, desamparo, ingratidões dos amigos, fuga da mulher que adoro e incompreensões em geral da sociedade em que vivo. Livre, mas cômico, sou contra a obrigatoriedade do voto. Pois o cidadão, obrigado a pagar o que lhe impõem, guiar

seu carro apenas em determinadas ruas e a determinada velocidade, viajando apenas quando o Itamarati e a polícia acham conveniente, aceitando os serviços estatais ao preço que o Estado decreta, vendo filmes que foram censurados por censores que não estão de acordo com seus pontos de vista éticos e estéticos, educando seus filhos numa didática que não é a do seu feitio, sujeitando-se a influências políticas que não estão de acordo com sua visão de um mundo melhor, e pagando por tudo isso sem o direito – a não ser teórico – de protesto, tem a sagrada prerrogativa, de, na hora das eleições, abster-se completamente de participação numa ordem de coisas que não é a ideal senão para os privilegiados dessa coisa medíocre e apaixonante: a prática política.

FERNANDES, Millôr. *Lições de um ignorante*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

Na próxima seção, passamos a analisar o texto.

### 3 Resultados e discussão

Millôr Fernandes, no texto *Em sinal de protesto pela falta de liberdade de um mundo livre*, busca criticar ironicamente a ideia de liberdade em um país que, apesar de se autodenominar “livre” e “democrático”, impõe uma série de restrições às pessoas, tal como se pode perceber pelo título no qual se evidencia um paradoxo entre as expressões *falta de liberdade* e o *mundo livre*. Escrita durante o regime militar no Brasil, a crônica se mostra atual no sentido de que há a historicidade das leis, cujos efeitos se mostram até o momento presente. O escritor apresenta uma visão crítica e sarcástica sobre o poder político e também sobre todas as formas de poder opressoras que afetam a liberdade individual. Ao dizer que é *em sinal de protesto*, o enunciador já dá pistas de seu posicionamento em relação às contradições das sociedades proclamadas democráticas. Além disso, parece haver no título uma *macro-ironia situacional* (Sorea, 2012), em que pessoas nascidas num mundo livre padecem da falta de liberdade.

A estrutura por meio da qual o texto foi construído amplifica o dissenso entre a falta de liberdade e o fato de o mundo ser livre. Em toda a extensão do texto, o enunciador lista, de modo exagerado, humorístico e irônico, as diferentes proibições, taxas, obrigações impostas ao cidadão, que contrastam com o conceito compartilhado de *liberdade*. O absurdo das restrições e da quantidade de taxas e obrigações é materializado linguisticamente por meio de hipérbolos e repetições, criando o efeito de saturação. Isso em conjunto produz o tom irônico do texto. Esse modo de construção do texto encontra ressonância nos estudos teóricos que, como vimos anteriormente, consideram a hipérbole um dos modos de manifestação da ironia, ao lado do humor.

Millôr inicia o primeiro parágrafo com alguns questionamentos irônicos, fazendo o uso de intertextualidade. Vejamos:

- (1) *Pedem-me que ajude a manter a liberdade e no entanto a minha quem me respeita? Quero viver calmamente, sem luxo nem variedades, amando o próximo como a mim mesmo, e me deixam? Não me deixam. Proíbem-me de pisar na grama, de parar o carro onde bem entendo, de andar vestido como melhor me sabe, de trabalhar na hora em que bem quiser, de amar a quem prefiro, de sair do país quando me der na telha.*

Por meio do uso de perguntas como *Pedem-me que ajude a manter a liberdade e no entanto a minha quem me respeita? Quero viver calmamente, sem luxo nem variedades, amando o próximo como a mim mesmo, e me deixam?*, o enunciador reforça a sua frustração diante das contradições entre o discurso sobre liberdade e a realidade das restrições que é severamente limitada. Ao fazer uso da sentença *amando o próximo como a mim mesmo*, uma referência intertextual bíblica, o enunciador faz referência aos valores éticos e morais amplamente conhecidos na sociedade, mas, no contexto em que aparece, a referência intertextual soa irônica, porque é movida pela situação como um todo, de exagero na abordagem do tema. Nesse sentido, o parágrafo inicial sugere que o autor é solicitado a contribuir para a manutenção da liberdade, mas a ironia está presente na pergunta subentendida de como ele pode ajudar a manter algo que ele próprio não experimenta completamente. O fato de haver essa dissonância entre o que é abordado no sentido básico e no sentido pretendido permite que a ironia se instale no texto, tal como evidenciamos na seção teórica, por meio das considerações de Gibbs (1994, 2007), Giora (2007), Burgers (2010). Ainda em (1), há uma listagem de proibições, algumas mais plausíveis e justificáveis; outras, mais implausíveis e absurdas, como *[proíbem-me de...] trabalhar na hora em que bem quiser, de amar a quem prefiro*. Se considerado o conhecimento enciclopédico (Ferrari, 2011) de que o trabalho diário é naturalizado na cultura, trabalhar na hora em que a pessoa quiser, soa humorístico e irônico. Há, portanto, uma saliência gradual (Giora, 2007) do enunciado irônico que associa *maior implausibilidade* com *maior manifestação da ironia*.

No segundo trecho, há novamente uma crítica sobre a falta de liberdade individual, quando o enunciador descreve as consequências negativas que enfrenta ao tentar agir de acordo com sua vontade e personalidade. Vejamos:

- (2) *Resolva eu fazer qualquer dessas coisas na hora em que elas me ocorram e do modo que melhor condiga com minha personalidade e gosto, e serei **suspeitado, impedido, parado, examinado, revistado, admoestado, desrespeitado, multado, deitado, preso, julgado, condenado, morto.***

Em (2), a enumeração de 13 verbos, colocados numa gradação em que, num extremo está a suspeição e no outro eixo está a morte, é irônica, porque há uma forte relação entre ironia e exagero. Segundo Sorea (2012), a hipérbole, por meio dos exageros intencionais, amplifica as dimensões avaliativas ou afetivas sobre o tema tratado. O enunciador do texto, se quisesse, poderia ter usado um verbo ou dois verbos, que representassem a falta de liberdade, mas usou 13. Com isso, o enunciador sugere que as ações mais simples e pessoais resultarão em uma série de reações negativas saturáveis, incluindo o ápice de *ser morto*. A menção irônica se mostra no contraste entre o elementar e o absurdo, ou seja, o simples ato de o enunciador ser quem é pode resultar na perda da vida.

No próximo trecho do texto, Millôr apresenta algumas limitações e imposições que enfrenta em sua vida cotidiana. A ênfase nas restrições relacionadas ao uso da água e à morte por meio do pagamento de impostos destaca a natureza financeira das restrições. Isso sugere que a liberdade, na prática, está condicionada à capacidade de pagar por ela. Vejamos:

- (3) *Entre as muitas liberdades de que me falam eu não tenho a de gastar água sem pagar pena d'água nem a de morrer sem pagar imposto predial. Além desses **obrigam-me** ainda a pagar imposto **de consumo, de resumo, de análise e de determinação. Cobram-me** mais: taxa de saneamento, taxa de diversões, luz, gás, telefone, **descontam-me** para o fundo sindical, **tiram-me** dinheiro para colar uma placa no meu carro (coisa que é injusta e inumana, pois essa placa só é colocada no meu carro pra funcionar contra mim em qualquer acidente em que me meta ou inflação que cometa) e **cobram-me** impostos para a Petrobrás a fim de explorar um petróleo que depois será pago por mim cada dia mais caro do que no anterior.*

Em (03), ao ler a primeira frase, o leitor pode ativar o sentido literal, entendendo que o enunciador contrasta a promessa de muitas liberdades e a não realização delas. Na sequência, o enunciador enumera uma sequência de verbos cujo campo semântico envolve cobrança, obrigação e pagamento: *obrigam-me [a pagar], cobram-me, descontam-me, tiram-me [dinheiro], cobram-me* novamente. Não é somente os verbos que são enumerados em

sequência, mas os elementos que são cobrados: *imposto de resumo, de análise e de determinação; taxa de saneamento, de diversão, luz, gás, telefone, fundo sindical*. Nesse momento, dada a natureza de alguns dos elementos listados, o leitor já ativa o sentido irônico, uma vez que há uma incongruência entre aquilo que se atesta e a realidade. *Imposto de resumo, de análise e de determinação*, por exemplo, parecem ser incompatíveis com a realidade. O exagero ativa um processo natural de reanálise, no qual o leitor percebe que o enunciado não deve ser interpretado literalmente. Os cidadãos brasileiros pagam, como é sabido, vários tipos de impostos, mas não necessariamente os tipos elencados pelo cronista. Ao criar nomes fictícios para os tipos de impostos existentes, ele faz um deboche crítico no texto para expressar o seu descontentamento com a quantidade e a variedade de impostos pagos. Percebendo a incongruência, o leitor faz uso da saliência gradual (Giora, 2007) da ironia em que sentido literal e sentido irônico são contrastados. O resultado é a percepção de que o enunciador não está exaltando a liberdade, mas criticando a ideia de que ela não existe de fato. Ao tratar da Petrobrás, o tom irônico já está estabelecido, uma vez que o enunciador ridiculariza a situação em que os cidadãos pagam pela exploração de um recurso natural e, depois de encontrado, eles pagam pelo recurso.

No trecho 4, a seguir, o enunciador continua fazendo crítica às diversas formas de controle e imposições percebidas na vida prática:

- (4) *Para me **abordarem, jungirem, confinarem, tungarem e emparedarem**, foram investidas **leis federais, estaduais, municipais, locais, rurais, pessoais e intestinas**, com as quais me arrancam dinheiro o presidente de Minha república, o governador de Meu Estado, o prefeito de Minha cidade, o delegado do Meu distrito, o guarda da Minha rua, o **vaga-lume do Meu cinema**, o síndico de Meu edifício, o lavador do Meu carro, o ascensorista de Meu elevador e, mais que tudo, sobretudo, acima de tudo, **a Minha mulher**.*

Em (4), os verbos *abordarem, jungirem, confinarem, tungarem e emparedarem* são enumerados de forma a construir uma gradação semântica de aumento da violência para a aplicação de leis. Sugerem diferentes formas de controle e restrição, indo desde abordagens mais formais até ações mais intrusas e violentas. Novamente, a quantidade de verbos para expressar o quão invasivo é o estado, pode ser interpretada como irônica [e debochada]. Novamente, a ironia é construída por meio do exagero, da hipérbole, em que há um

superdimensionamento da realidade. A consequência é o leitor, no processo interpretativo, contrastar a realidade dos fatos com a realidade linguística apresentada no texto e, assim, constatar a presença da ironia no texto, dado que existe uma incongruência entre as duas realidades.

A categorização dos tipos de leis também se revela irônica. A *lei intestina*, última da enumeração feita pelo autor, constitui um exagero, que leva ao humor e conseqüentemente a uma interpretação irônica, em basicamente três níveis: 1) da palavra usada no texto; 2) da enumeração empreendida; 3) da situação em que ocorre a crítica. Cognitivamente, quando um leitor experiente se depara com a palavra *intestina* para caracterizar lei, ele logo percebe a natureza *não literal*, e, portanto, irônica e debochada da expressão. Também aqui aplica-se a noção de saliência gradual da ironia (Giora, 2007). À medida que o leitor confronta o dito com aspectos do co-texto e do contexto, ele vai verificando compatibilidades e incompatibilidades com o seu conhecimento de mundo e, assim, pode interpretar o enunciado como irônico.

Ainda em (4), ao enumerar todas as figuras de autoridade que supostamente ‘arrancam’ dinheiro do enunciador, a enumeração, desde o presidente até a esposa do autor, cria uma cadeia hierárquica que destaca como diferentes níveis de poder estão envolvidos na imposição de restrições à liberdade do indivíduo e na prática capitalista. A ironia, neste caso construída por meio do recurso do humor, está presente também na inclusão do ascensorista do elevador e da *esposa* do enunciador na lista. Novamente, a enumeração irônica ocorre. Em todas as relações, há ‘arrancamento de dinheiro’. Ele usa o verbo ‘arrancar’, e não ‘tomar’, ‘tirar’ dinheiro. Arrancar tem significado que remete à ideia de maior violência.

Outro aspecto digno de nota é a repetição dos pronomes possessivos *meu* e *minha* em *Minha república, Meu Estado, Minha cidade, Meu distrito, Minha rua, Meu edifício, Meu carro, Meu elevador, Minha mulher*. Como o contexto fala de relações financeiras, os pronomes parecem indicar não somente uma relação de pertencimento do enunciador com as esferas espaço-sociais que vão da mais ampla para a mais restrita, mas também uma relação de posse propriamente dita. É como se dissesse: ‘se me arrancam dinheiro, então, tudo isso é meu’. Para essa interpretação, corrobora o uso dos pronomes com letra maiúscula (no interior da sentença), aspecto tipográfico presente na obra original e que, igualmente, não deixa de ser irônico.

O próximo trecho apresenta a ironia sobre a burocracia e as exigências sociais que as pessoas enfrentam em diferentes situações da vida cotidiana, a partir de construções hipotéticas.

- (5) *Se guio, exigem-me uma habilitação de motorista. Se pesco, surge do fundo dos mares um guarda, pedindo-lhe a licença para pescar. Se caço, os animais protestam, pois não tenho autorização para fazê-lo. E se vou à praia tenho que mostrar minha carteira de praísta profissional, além de ter que cuidar para não atentar contra o pudor ou contra os postulados da Liga Eleitoral Católica. e se morro não me enterram sem atestados de óbito, Tudo pago.*

Em (5), o enunciador descreve uma série de atividades hipotéticas, como *dirigir, pescar, caçar, frequentar a praia, morrer* destacando como cada uma delas é acompanhada por requisitos e regulamentações. No texto, a oração condicional introduzida pelo *se* com verbo no presente do indicativo, associa-se a eventos inusitados (guarda surgir do fundo dos mares, animais protestarem, carteira de praísta profissional, Liga Eleitoral Católica) são exageros ficcionais para expressar o exagero que ocorre na realidade. A dissonância entre as cenas inusitadas/exageradas e as cenas da realidade constitui nova ironia apresentada no texto. Para Ferrari (1999, p. 79), “a integridade e a eficácia das construções gramaticais estão ligadas ao lugar que elas ocupam em esquemas gerais de organização da cognição humana e da interação social”. Nesse sentido, para a autora, as construções condicionais marcam a perspectiva do falante em relação ao evento descrito. Assim, no texto, a criação de um mundo inusitado não é aleatória, mas está a serviço dos propósitos do enunciador: denunciar pelo exagero o exagero dos impostos e da falta de liberdade. A menção à *Liga Eleitoral Católica* pode indicar a influência de instituições religiosas na imposição de normas sociais. A ironia usada no texto ressalta as exigências exageradas, criadas pelo autor, mas que refletem absurdos/exageros que ocorrem na realidade. Há, portanto, um encontro entre exageros: o exagero do autor no texto alinha-se ao ponto de vista de que há um exagero de normas na realidade.

Nos trechos (6), (7) e (8), a seguir, o autor, novamente fazendo uso da enumeração, mostra as vantagens de ser livre. Mostra que, livre, ele pode contribuir voluntariamente com uma infinidade de grupos e optar por votar ou não. Observemos:

- (6) *Livre, mas generoso, contribuo para a Liga Brasileira de Assistência, Cruz Vermelha, Hospital dos Radionomistas, Fundo dos Acidentados, Seguros Marítimos e Terrestres, Operárias de Jesus, Trabalhadores do Brasil, Serventes de Nossa Senhora, Hegemonia de Tebas, Serviços Nacional de Controle da*

*Natalidade, Fundo Sindical da Mãe Solteira, Departamento Nacional do Desempregado por Convicção e Serviço Federal das Desajustadinhas Trêfegas.*

- (7) **Livre, mas prudente**, tenho seguro de vida, contra roubo, furtos, desastres, choques cardíacos e emocionais, seguros contra desemprego, excessos alcoólicos, chantagens femininas, agressões masculinas, seguros contra fogo, água, velhice, desamparo, ingratidões dos amigos, fuga da mulher que adoro e incompreensões em geral da sociedade em que vivo.
- (8) **Livre, mas cômico**, sou contra a obrigatoriedade do voto. Pois o cidadão, obrigado a pagar o que lhe impõem, guiar seu carro apenas em determinadas ruas e a determinada velocidade, viajando apenas quando o Itamarati e a polícia acham conveniente, aceitando os serviços estatais ao preço que o Estado decreta, vendo filmes que foram censurados por censores que não estão de acordo com seus pontos de vista éticos e estéticos, educando seus filhos numa didática que não é a do seu feitio, sujeitando-se a influências políticas que não estão de acordo com sua visão de um mundo melhor, e pagando por tudo isso sem o direito – a não ser teórico – de protesto, tem a sagrada prerrogativa, de, na hora das eleições, abster-se completamente de participação numa ordem de coisas que não é a ideal senão para os privilegiados dessa coisa medíocre e apaixonante: a prática política.

Em (6), (7) e (8), o cronista faz uso de uma estrutura sintática padrão, por meio da qual ele enumera as vantagens de ser livre e, ao mesmo tempo, de ser um cidadão generoso, prudente e consciente, sem, necessariamente, haver a obrigatoriedade imposta pelo Estado para que generosidade, prudência e consciência ocorram.

A construção paralelística *LIVRE, MAS X<sub>ADJ</sub>, S<sup>6</sup>* coloca em foco, respectivamente, a liberdade, os deveres individuais, as evidências reais de ser livre, tal como mostra o quadro a seguir:

**Quadro 04** –Análise da organização sintático-semântica dos dados (6), (7) e (8), extraídos da crônica de *Em sinal de protesto pela falta de liberdade de um mundo livre*, de Millôr Fernandes

FOCO NA LIBERDADE	FOCO NOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS	FOCO NAS EVIDÊNCIAS REAIS [E IRÔNICAS] DAS VANTAGENS DE SER LIVRE
-------------------	---	---

<sup>6</sup> X constitui uma variável adjetival e S indica sentença.

LIVRE, MAS	GENEROSO	faz-se contribuição solidária para X, Y, Z e, <b>ironicamente</b> , para <i>Serviços Nacional de Controle da Natalidade, Fundo Sindical da Mãe Solteira, Departamento Nacional do Desempregado por Convicção e Serviço Federal das Desajustadinhas Trêfegas</i>
	PRUDENTE	tem-se seguro contra X, Y, Z e, <b>ironicamente</b> , para <i>choques cardíacos e emocionais, seguros contra desemprego, excessos alcoólicos, chantagens femininas, agressões masculinas, seguros contra fogo, água, velhice, desamparo, ingratidões dos amigos, fuga da mulher que adoro e incompreensões em geral da sociedade em que vivo.</i>
	CÔNSCIO	<i>é ser contra o voto, pois ser obrigado a realizar ações por força da lei dá ao cidadão o poder de decidir não votar, já que a ordem das coisas privilegia determinados grupos.</i>

Fonte: elaboração própria.

Em *livre, mas generoso* a extensa lista de organizações, algumas fictícias e outras com nomes humorísticos, como *Serviço Federal das Desajustadinhas Trêfegas*, contribui para o efeito irônico, tal como tem feito o enunciador em outras parcelas do texto. Já, por meio do uso da construção *livre, mas prudente*, o enunciador mostra, na sequência do texto, o cruzamento da liberdade com os cuidados individuais do enunciador consigo mesmo. A certo ponto da enumeração dos cuidados, faz-se uso do exagero e do humor para produzir ironia, como em *seguro contra fuga da mulher que adoro*. Isso confere ao texto não só a função de fazer crítica social, mas também de dar-lhe leveza, por meio de criações inusitadas. Por fim, a construção *livre, mas cômico*, o enunciador mostra a sua opinião efetiva sobre tudo que tem falado: a necessidade de que o voto seja voluntário e não obrigatório. Nesse momento do texto, ao dizer que a prática política é, a um só tempo, *mediocre e apaixonante*, o autor caracteriza a política, utilizando-se do recurso da incongruência que aparece no título e no texto. A expressão sugere que, embora a prática política seja frequentemente percebida como algo de qualidade questionável ou insatisfatória, ela também é capaz de gerar um forte envolvimento emocional ou interesse.

O uso recorrente de um padrão sintático para construir o texto e isso reverberar em efeito irônico tem relevância para a linguística cognitiva.

Com base na leitura do texto, é possível dizer que concordamos com Sperber e Wilson (1986) quando afirmam que um ouvinte é capaz de identificar declarações irônicas por meio de inferência. O reconhecimento da ironia depende do ambiente cognitivo compartilhado do comunicador. Conforme os autores, para identificar e compreender a ironia, o ouvinte não depende apenas da forma literal das palavras utilizadas, mas também da capacidade de inferir os propósitos do comunicador. Isso significa levar em consideração o contexto, as relações sociais, as expectativas compartilhadas e o conhecimento mútuo entre as partes envolvidas na comunicação. Nesse sentido, consideramos que a linguagem não é apenas um conjunto de símbolos com significados fixos, mas apresenta manifestações enraizadas na cognição e na interação social. Sem dizer explicitamente, o texto de Millôr trata do contexto histórico brasileiro da Ditadura Militar, que marcou a história do país entre 1964 e 1985, pois deixou um legado marcado por violações dos direitos humanos, repressão política e censura. As torturas, os assassinatos e os desaparecimentos forçados ainda hoje clamam por justiça e memória. O que o autor afirma, portanto, mesmo em exagero, diz respeito à realidade brasileira. O leitor reconhecerá isso, visto que compartilha com o enunciador conhecimentos relativos à nossa cultura política, social, econômica. Ambos estão imersos na cognição social construída à brasileira. Nesse aspecto, observa-se a presença do enunciado *ecóico* (Sperber; Wilson, 1986), o qual está ligado ao ato de ecoar ou fazer referência a um pensamento existente, mas com atitude crítica e transgressora. A linguística cognitiva, nesse sentido, busca entender como a linguagem reflete e influencia o pensamento humano, e, nesse contexto, a compreensão da ironia é particularmente reveladora.

Enfim, pode-se dizer que Millôr ironiza a falta de liberdade em um mundo que se diz livre, fazendo uso do exagero e humor para produzir sua crítica irônica. Ao fazer isso, ele provoca reflexão e ao mesmo tempo diverte o leitor com seu humor característico. Isso está alinhado aos estudos teóricos de Gibbs (2007) e Sorea (2012) que concordam com a ocorrência do exagero e do humor na produção da ironia. Para Gibbs (2007), menção e fingimento *ecóicos*, associados à ironia, frequentemente apresentam hipérbole. A sobreposição entre hipérbole e ironia não é incomum, pois a primeira é recorrente em conversas carregadas desse recurso. Gibbs (2007, p. 391) considera que tanto a hipérbole quanto o eufemismo estão

intimamente relacionados à ironia “na medida em que cada um deturpa a verdade”. Esse exagero se revela na crônica: *Em sinal de protesto pela falta de liberdade de um mundo livre*, juntamente com a ironia e o humor.

### **Considerações finais**

O desenvolvimento desta pesquisa teve seu início na exploração de aspectos relacionados à natureza e à função da ironia, na perspectiva da Linguística Cognitiva (LC). A problematização surgiu da percepção de que a ironia vai além de uma figura de linguagem, sendo compreendida como uma expressão linguística que resulta em operações cognitivas, já que associa conhecimentos linguísticos com conhecimentos de mundo por meio do pensamento, produz inferência e promove o reconhecimento de padrões. Tais fenômenos devem ser observados na dinâmica e complexa relação entre os elementos que compõem a percepção e a conceptualização do mundo.

A trajetória da pesquisa revelou-se produtiva no sentido de ter apontado os seguintes resultados:

- a) a ironia associa aspectos linguísticos pragmáticos, cognitivos e estilísticos;
- b) a ironia revela a indissociabilidade da produção verbal-linguística do conhecimento situacional e de mundo do enunciador e do interlocutor;
- c) na crônica analisada, a ironia tem função crítica denunciatória e está associada ao humor e ao exagero;
- d) na crônica analisada, a ironia se manifesta não só por meio da dissonância entre o que se diz e o que se pretende significar, mas também por meio da construção de cenários inusitados;

Com base na análise empreendida, percebemos que explorar a ironia como um mecanismo cognitivo tem a vantagem de conhecer melhor o modo de construção desse mecanismo cognitivo, sua função e seus efeitos.

A ironia como elemento pragmático-cognitivo da atividade discursiva, desempenha diversas funções que a tornam uma ferramenta versátil e poderosa na comunicação. Uma de suas principais funções reside na capacidade de oferecer crítica e denúncia de maneira indireta, mas não menos eficaz caso fosse feita de maneira direta. Ao expressar uma mensagem que apresenta incongruência entre o sentido literal e o sentido alvo, a ironia permite que o autor

destaque contradições, injustiças e problemas sociais, contribuindo assim para se fazer crítica e reflexão sobre problemas que circundam a sociedade. Além disso, a ironia serve como meio de expressar opiniões de forma sutil e criativa, proporcionando aos usuários da língua dispositivos tecnológicos de pensamento altamente eficazes e elaborados que associam exagero e humor.

Em termos de contribuição, o presente estudo é relevante no sentido de que há ainda uma baixa demanda de pesquisas que abordem o estudo de ironia na perspectiva da linguística cognitiva. Pesquisas como essa são necessárias, pois acrescentam uma nova visão do recurso irônico na linguagem verbal.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- BERGEN, Benjamin Keith; CHANG, Nancy Clary. *Embodied Construction Grammar in Simulation-Based Language Understanding*. 2003. Disponível em: <https://www.icsi.berkeley.edu/~nchang/pubs/ecg.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2015.
- BURGERS, Christian. *Verbal irony: Use and effects in written discourse*, [Doctoral Dissertation], Radboud University. 2010.
- COLSTON, Herbert Leonard. *On necessary conditions for verbal irony comprehension*. In: GIBBS, Raymond William Jr.; COLSTON, Herbert L. *Irony in language and thought: a cognitive science reader*. 1. ed. New York; London: Lawrence Erlbaum Associates, 2007.
- FERNANDES, Millôr. *Lições de um ignorante*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FERRARI, Lilian. Construções condicionais e a negociação de perspectivas epistêmicas na interação entre professores. *Revista do GELNE*, [S. l.], Ano 1, n.1, p. 79-82, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9285>. Acesso em: 7 jun. 2025.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- GIBBS, Raymond William Jr. *The poetics of mind: figurative thought, language and understanding*. Cambridge, University Press, 1994.
- GIBBS, Raymond William JR.; COLSTON, Herbert L. *Irony in language and thought: a cognitive science reader*. New York; London: Lawrence Erlbaum Associates, 2007.
- GIBBS, Raymond William. JR. Irony in Talk Among Friends. In: GIBBS, Raymond William JR.; COLSTON, Hertbert Leonard. *Irony in language and thought: a cognitive science reader*. New York; London: Lawrence Erlbaum Associates, 2007.

GIORA, Rachel F. O. Irony: context and salience. In: GIBBS, Raymond William Jr.; COLSTON, Herbert Leonard. *Irony in language and thought: a cognitive science reader*. 1. ed. Nova Iorque; London: Routledge, 2007.

GRICE, Herbert Paul. *Logic and conversation*. In: COLE, Peter; MORGAN, James (eds). *Syntax and semantics 3: speech acts*. New York: Academic Press, 1975. p. 53.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Tradução de Julio Jeha. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily bases of meaning, imagination, and reason*. The University of Chicago Press, London, 1987.

KERCKHOVE, Derrick de. E-motividade: o impacto social da Internet como um sistema límbico. *Matrizes [en linea]*, v. 9, n. 1, p. 53-65, 2015. DOI:

<https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v9i1p53-65>. Disponível em:

<https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/100673>. Acesso em: 7 jun. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. *Jornalismo e ironia: produção de sentido em jornais impressos no Brasil–Recife*. 2006. 271f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Recife, 2006.

SOREA, Daniela. *Pragmatics: some cognitive perspectives*. Contemporary Literature Press. The University of Bucharest, in conjunction with The British Council and The Romanian Cultural Institute, 2012.

SPERBER, Dan R.; WILSON, Deirdre. *Communication and Cognition*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1986.

Recebido em 03 de fevereiro de 2025

Aceito em 01 de junho de 2025